

Mulher e Cidade: circuitos de beleza e progresso em Itabuna-BA nos anos 1950

ADRIANA OLIVEIRA DA SILVA¹

Itabuna passou na década de 1950 por uma fase de crescimento econômico e demográfico. As mudanças no cenário urbano, promovidas pelo poder público fizeram surgir novas formas de usos sobre os ambientes públicos. Praças, jardins e teatros juntaram-se às áreas privadas de lazer, como clubes, hotéis e cinemas. A preocupação residia na promoção de uma cidade em desenvolvimento, onde a classe econômica e politicamente dominante precisava responder simbólica e concretamente aos ventos de uma cultura moderna e progressiva que pareciam começar a soprar na região.

Os “ventos do progresso” já não eram apenas aqueles que balançavam as folhas dos pés de cacau e que geraram enorme riqueza para fazendeiros e comerciantes do produto. Dessa vez, à elite econômica interessava construir uma imagem de si, diferente da tradicional representação de classe feita por Jorge Amado e uns tantos memorialistas sobre os pioneiros e desbravadores. Na literatura como nas obras memorialísticas, a região cacauzeira, notadamente, as cidades de Itabuna e Ilhéus apareciam como redutos comandados exclusivamente por homens de poder, que se utilizavam da “força” como principal recurso de dominação. Tal referência histórica acabou se tornando elemento de identificação da elite (HEINZ, 2006: 8). Uma origem política, social e cultural marcada pelo protagonismo de homens que “ousaram” enfrentar a mata e cultivar o fruto do ouro, edificando sua riqueza com base no esforço pessoal. Esta foi uma das ideias permanentes, encontradas na produção da memória regional (MAHONY, 2007: 737-793).

Nesse período interessava atenuar a memória de violência, típica dos primeiros tempos e, finalmente, erguer não só uma, como várias imagens de “cidade progresso”, “homens avançados”, “senhoras elegantes”, “moças graciosas”, “rapazes simpáticos”, membros da “fina flor da sociedade” (MENDES, 1967: 116-117). Recompondo o passado como o berço de uma civilização dedicada ao progresso e ao avanço da região

¹ Professora do Instituto Federal da Bahia – Campus Jequié. Mestranda em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

cacaueira. Os violentos coronéis do cacau passaram agora a “novos ricos” – homens de origens simples, porém determinados a erguer uma sociedade rica e orgulhosa de si. Essas foram as referências reabilitadas pela elite itabunense nos anos de 1950 e 1960. Tais ideias espelhavam um interesse da classe dominante, herdeira dos coronéis enriquecidos pela produção e comercialização do cacau, com a legitimação de sua forma de controle social e referendava o status mantido, ou em alguns casos, requeridos pelos membros dessa elite.

Segundo Mary Ann Mahony, a elite cacaueira configurou e reconfigurou uma tradição narrativa sobre a fundação e o desenvolvimento da região, assim como sobre suas origens. Para a historiadora, a elite regional alicerçou uma narrativa heróica com bases nas próprias experiências e, com isso, fundou sua identidade, repetida muitas vezes pela literatura, pela história e pela memória coletiva. Essa trajetória teria ajudado a fundamentar e reforçar uma ideia de superioridade da elite frente à sociedade. Loiva Félix aponta que, no processo de construção mítico-heróica da história de uma sociedade, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo. *“O uso da memória histórica sacralizada consolida a identidade. Há, portanto, uma identidade assegurada pelo mito”* (FÉLIX, 1998: 144).

‘Marcar a diferença’ passou a ser o alvo principal da elite de Itabuna nesse período. Hábitos novos convivendo com costumes antigos, porém realçados como “mitos de origem” que distinguiam a elite do restante população por um passado que os dignificava. O fim dos anos 1950 e início da década de 1960 foi um momento marcado pela manifestação de uma atenção maior desse segmento social com o domínio do imaginário político e com o processo de afirmação de uma identidade regional alicerçada em representações de civilidade e progresso; instâncias das vivências da elite também expostas através de um sistema simbólico onde se efetivavam os discursos e as práticas desses sujeitos.

A imprensa local contribuiu sobremaneira para alicerçar e reforçar a estereotipia positiva criada pela elite sobre si e sobre a cidade, seu principal lócus de atuação política, social e cultural. A cidade era, portanto, um palco onde desfilava e se exibia a elite, enquanto as colunas sociais dos jornais eram ou tentavam ser uma espécie de espelho do cotidiano desse segmento social dominante. Nelas apareciam os novos

símbolos do dito progresso experimentado pela elite, tais como os salões de festas e eventos, os clubes esportivos e de lazer, as festas privadas.

De fato a festa do dia 31 (janeiro de 1959) foi classificada como um dos melhores fatos sociais já observados em clubes itabunenses. Nossa alta sociedade compareceu em peso ao clube mais antigo da cidade para abrilhantar com sua presença a magnífica noite. Mais uma vez elogio a direção do Itabuna Clube pelo espetacular feito e, que continue sempre a proporcionar aos seus associados momentos de alegria como o que aconteceu nesse dia².(Grifo nosso)

As colunas sociais dispensavam atenção quase exclusiva ao cotidiano da elite local. As poucas referências feitas aos setores empobrecidos giravam em torno de exigências sobre usos da cidade. A partir da década de 1950, esse controle ficou mais rígido, no sentido em que o poder público sistematizou e colocou em prática um plano urbano que de um lado marcava a expulsão de elementos da classe empobrecida do centro da cidade e, de outro, favorecia a circulação e a fixação de membros da elite nos melhores lugares para o comércio e para o lazer (CARVALHO, 2009).

Mas, não bastaram as medidas tomadas pelo poder público. A elite também criou suas normas para coibir os pobres de ocuparem o mesmo espaço. No caso dos cinemas, essa situação se fez de maneira muito clara. A partir de 1959, o Cine Teatro Itabuna passou a regulamentar o tipo de vestimenta para a entrada no cinema. Jovens que não estivessem “devidamente” trajados, o que significava vestir-se com roupas de passeio que estivessem a altura do requinte exigido pelo senso estético da elite, não poderiam entrar no cinema. Na estreia de alguns cinemas, como o Clube de Cinema de Itabuna ou mesmo na exibição de alguns filmes considerados de “arte e cultura”, só eram fornecidos ingressos como convite a um grupo “seleto”, capaz de se apresentar esteticamente e culturalmente superior³. Para os que não acatassem as deliberações dos proprietários dos cinemas, a punição seria a expulsão do ambiente sob a condução da força policial. Em mais uma de suas matérias numa coluna intitulada “Criticando”, o cronista do jornal *Diário de Itabuna*, Roberto Silva, elogia a “mudança” realizada no Cine Teatro e conclui que, ‘para uma cidade progressista como Itabuna, agora quando

² Trecho retirado da coluna “O Diário na Sociedade”, seção do Jornal *Diário de Itabuna*, 06 de fevereiro de 1959, assinado por Roberto Silva. Ver: APMI – Arquivo Público do Município de Itabuna. Livro: **Jornal Diário de Itabuna**. Janeiro – Junho, 1959.

³ APMI – Arquivo Público do Município de Itabuna. **Jornal Diário de Itabuna**. 20 de fevereiro de 1959. Ano II, n. 391, p. 2.

*não tardaremos a completar meio século de existência, vamos ter uma sala de projeção onde as famílias desta cidade não se sintam envergonhadas de comparecer*⁴.

As reclamações sobre o comportamento dos populares nas filas e no interior dos cinemas feitas nas páginas do jornal *Diário de Itabuna* refletiam o interesse da elite em criar espaços reservados de lazer, onde não se pudesse assistir e conviver com a presença de pessoas pobres ou das camadas médias. Em 1950 o *Lions Club* de Itabuna decidiu construir um “cineminha-fechado”⁵. A ideia foi considerada “louvável” pelo autor da coluna “Fatos e Comentários” do *Diário de Itabuna*. O “cinema-doméstico”⁶, como foi chamado pela imprensa, respondia a um costume cada vez mais freqüente das elites em constituir ambientes de sociabilidades cada vez mais fechados, particulares. Segundo as informações apresentadas pelo autor da coluna, esse cinema teria um número limitado de sócios, cadeira cativa numerada e outros benefícios não mencionados na matéria. As razões para o empreendimento privado estariam na busca de um ambiente adequado ao padrão de moral cultivado pelas famílias ricas. O intuito era se afastar da companhia indesejada dos “incivilizados”.

Imprensa, poder público e elite sintonizavam-se nesse padrão político-discursivo (SOUZA, 2010: 71-79) na tentativa de criar formas outras de fazer valer o que entendiam como progresso. Isso significava normatizar os usos da cidade e padronizar algumas posturas, em especial, as das mulheres do setor dominante. Nesse sentido, elas foram determinantes, não só por expressarem física e psicologicamente um sentimento de afirmação social, como por terem servido de instrumento catequizador dos novos valores. Dentre outras funções, cabia às mulheres ricas frequentar e “adornar” o ‘circuito de cidade’ criado pela elite dentro da própria cidade. Mesmo que esse espaço repartido fosse construído sob exigências morais muito fortes sobre essas mulheres, sua presença nele era reivindicada, já que a mulher parece mesmo ter representado um dos símbolos da mudança sociocultural experimentada pela classe dominante de Itabuna. Ao passo em que se ‘modernizava’ a cidade, se ‘modernizavam’ as mulheres de elite (SCHPUN, 1999: 146-147).

⁴ Idem, **Ibid**, 25 de fevereiro de 1959. Ano II, n. 393, p. 4.

⁵ Idem, **Ibid**, 30 de janeiro de 1959. Ano II, p.2.

⁶Idem, **Ibid**, 04 de fevereiro de 1959. Ano II, p.2

As mulheres da elite itabunense parecem também terem se aproveitado desse panorama de mudanças nos costumes, especialmente, as mais jovens. Encomendar às costureiras modelos tirados das revistas, passearem desacompanhadas dos pais pelas vias públicas, frequentar salões de festas, soirées dançantes e clubes sociais, eram, sem dúvida, formas prazerosas de vivenciarem as mudanças. As possibilidades de diversão diurna e noturna aumentaram para a juventude e também para as mulheres ricas. No entanto, a vigilância sobre as jovens, consideradas ingênuas afetiva e sexualmente, se manteve como código de moralidade que percorreu a década de 1950 e início dos anos 1960 em Itabuna. Aliás, a moralidade era corriqueiramente lembrada e requerida pelos órgãos de imprensa (BASSANEZI, 2006: 609-613).

As mulheres passaram a ser vistas e faladas pela imprensa. O jornal *Diário de Itabuna*, por exemplo, manifestava-se sobre o cotidiano e as sociabilidades femininas quase que diariamente. Fosse, na coluna *O Diário na Sociedade*, no caderno *O Diário Feminino* ou na crônica diária do proprietário do jornal, Ottoni Silva, intitulada *Meu cantinho*, as mulheres figuravam como alvo central de um discurso normatizador de comportamentos.

As mudanças estruturais e comportamentais proporcionadas pelo desenvolvimento econômico e pelo pensamento político progressista, também sofriam críticas e em alguns momentos, eram recusadas por alguns setores. A ordem das performances de gênero, por exemplo, foi um campo onde se pode identificar um número relativo dessas críticas e recusas na imprensa de Itabuna da década de 1950. Isso não significa, porém, que todas as mulheres da elite cumprissem o receituário comportamental recomendado pelos homens e mulheres que escreviam nos jornais da época.

Em suas matérias Ottoni Silva não abdicava de reforçar os papéis de gênero que reforçavam as desigualdades entre homens e mulheres. A busca pelo progresso da cidade e o destaque para a consolidação de uma identidade regional forjada a partir dos critérios de convivência social da elite tinham um limite, qual seja, o da atuação das mulheres. Portanto, era necessário o exercício diário de orientação e “supervisão” sobre as atividades de senhoras e senhorinhas da cidade. E isso foi feito de forma intensiva pela imprensa local.

O projeto político dominante apontava duas facetas. Uma que reivindicava o progresso e atuava no sentido de gerir a cidade a fim de controlar seus usos, subordinando os empobrecidos e a outra que ainda enquadrava as mulheres de elite num painel de performances de gênero bem definidas. Cada qual em seu lugar. As senhoras de elite dedicadas à benemerência e as jovens à moda e à beleza. O progresso, nesse caso, não representava um avanço real para as mulheres, no sentido da superação da subordinação e alcance de autonomia plena. Mesmo que tivessem conseguido uma liberdade maior em relação ao controle dos pais e dos maridos, Ottoni Silva destaca que, viravam “escravas da moda”⁷, incentivadas por um impulso nacional à beleza, à exposição feminina no campo da forma física e dos cuidados com o corpo.

Beleza e fantasia: idealização da mulher em “O Diário Feminino”

“*É possível readquirir a mocidade*”. Esse foi o título da matéria que abria a *página feminina*⁸ do jornal *Diário de Itabuna* em 01 de fevereiro de 1958. O caderno “O Diário Feminino” surgia como bate papo entre os colunistas do periódico e o público feminino de classe média e alta, leitoras do jornal. Além de matérias sobre assuntos locais; casamentos, noivados e entrevistas com moças da cidade, o caderno trazia seções de assuntos que interessariam às mulheres, por tratarem do seu “universo”. Matérias e textos de jornais de outros lugares e das revistas femininas eram transportados para “O Diário Feminino” criando um circuito discursivo atravessado de representações de gênero, com definição precisa dos papéis sexuais de homens e mulheres, fazendo coro com o arsenal argumentativo já apresentado nas colunas sociais e nas crônicas que configuravam o jornal.

Segundo Carla Bassanezi as revistas e cadernos femininos inseridos em seu contexto social procuraram, a partir de repetições de assuntos e ideias, moldar o público, formar gostos, opiniões e padrões de consumo e de conduta, de acordo com certas normas que reforçavam as desigualdades de gênero (BASSANEZI, 2006: 609). A moral

⁷ APMI – Arquivo Público do Município de Itabuna. **Jornal Diário de Itabuna**. 12 de janeiro de 1959, ano II, p. 6.

⁸ “*Página feminina*” era o termo utilizado pelos cronistas do jornal *Diário de Itabuna* para se referir ao caderno “O Diário Feminino”, surgido pela primeira vez em fevereiro de 1958. Cf. em: APMI – Arquivo Público do Município de Itabuna. **Jornal Diário de Itabuna**. 01 de fevereiro de 1958, ano I, n. 84, p. 3.

sexual e as distinções de papéis femininos e masculinos foram o centro das discussões e por onde passavam as matérias do caderno “O Diário Feminino”. As representações binárias e excludentes, portanto, hierarquizadas, pautadas numa “natureza” feminina e outra masculina realçava as estratégias de definição das performances de gênero e eram evidentes nas diferentes seções do caderno.

No caso de “O Diário Feminino” as imagens que surgem são sempre de jovens elegantes de classe alta. As protagonistas dessa seção são flagradas em cerimônias de casamento, desfiles, festas de associações e clubes de lazer ou em eventos culturais. Ao lado delas aparecem imagens de modelos e atrizes nacionais e internacionais rodeadas de textos sobre moda, culinária e cuidados com as crianças.

Uma marca desse caderno é a ausência de textos políticos, o que denota que o feminino estava associado a um ideal de domesticidade, ou simplesmente, que as mulheres eram pouco afeitas às discussões políticas, sendo mais interessadas pelos problemas sentimentais e estéticos ou pelos cuidados com a casa e a família. No caderno de 08 de fevereiro de 1958, a matéria “Testemunhas do seu bom gosto” deu a dica, “*O mesmo cuidado que você dedica à escolha dos acessórios do seu vestuário, deve ser empregado na escolha e no emprego dos acessórios da casa, que também podem ser testemunhas do seu bom gosto*”⁹.

A disposição das matérias se dava em uma página inteira do jornal. Um espaço relativamente amplo para assuntos que a “cultura androcêntrica” costumava considerar de menor relevância ou sem qualquer importância. No entanto, a manutenção da desigualdade de gênero, que tentava relacionar a mulher a uma condição de inferior, presa ao lar e à família, passava pela disseminação e reforço do aparato discursivo que naturalizava essa condição, buscando torná-la normal e positiva para as mulheres. A maior parte dos textos não era assinada. Como se tratavam de receitas culinárias, dicas de etiqueta, puericultura, penteados e moda, não tinham identificação dos autores. Algumas matérias eram retiradas de cadernos, revistas e jornais femininos que circulavam em outros lugares.

Quanto aos problemas sociais, costumeiramente destacados e criticados nas páginas do jornal, estes não visitavam o *caderno feminino*. Apagavam dele referências

⁹APMI – Arquivo Público do Município de Itabuna. **Jornal Diário de Itabuna**. 08 de fevereiro de 1958, ano I, n. 90, p. 5.

às situações de miséria, pobreza e violência que homens e mulheres dos segmentos subalternizados enfrentavam. O mundo era apresentado como limpo, belo, onde estrelas do cinema e modelos passeavam livres e absolutas. No máximo surgiam críticas muito efêmeras ao modelo “burguês” de tratar a natureza e as pessoas nas crônicas de “*anajoquina*”, pseudônimo da cronista Valdelice Pinheiro.

O crescimento da cidade trazia consigo a concentração da riqueza em poucas mãos e graves problemas sociais, como o aumento do número de mendigos, menores carentes e infratores. Afluxo intenso de pessoas do campo para a cidade na década de 1950 gerou uma demanda de questões sociais emergentes, as quais a elite tentava resolver à sua maneira (SOUZA, 2010: 68). As associações de benemerência e filantropia dirigidas por mulheres são um bom exemplo¹⁰. No entanto, a realidade da mendicância, tão forte no período, não foi relatada em “O Diário Feminino”.

Vitrine dos hábitos e comportamentos vivenciados pelas mulheres de elite de Itabuna, “O Diário Feminino” também se dedicava a polir condutas consideradas antiquadas ou fora de moda. Em nome de uma lógica do belo, os textos ensinavam a modelagem de corpos e mentes. Uma cultura da beleza foi apresentada a senhoras e moças da elite itabunense. Essa cultura passou a ser requerida por elas e reforçada pela “*página feminina*” do jornal *Diário de Itabuna*.

As exigências morais recaíam de maneira mais intensa sobre as mulheres mais jovens e solteiras. Entrar em desacordo com a disciplina social instituída sobre o comportamento feminino representava para elas a desaprovação da família, da sociedade e da imprensa. Isso significava que poderiam sofrer repreensões públicas e manchar a imagem de si mesmas e da família. O código sexual deveria ser seguido sem questionamentos para evitar os comentários de todos que se julgavam no direito de debater e criticar as condutas das moças, inclusive os cronistas dos jornais.

Adequar-se ao padrão normativo que instituída o comportamento ideal para atuação nas esferas público e privada significava compor a casa e os membros da família de acordo às novas exigências. O corpo feminino foi um alvo corriqueiro no

¹⁰Associações como a das Senhoras de Caridade de Itabuna, fundada em 1924, empenharam-se nos anos 1950 na retirada dos mendigos das ruas do centro da cidade. Com apoio de instituições da elite local como o Lions Club, a Loja Maçônica Areópago de Itabuna, políticos e comerciantes, a Associação das Senhoras de Caridade conseguiu construir a Casa dos Mendigos, abrigando em 1958/1959 cerca de 67 mendigos. Esse assunto será tratado no primeiro capítulo. Ver: APMI – Arquivo Público do Município de Itabuna. **Jornal Diário de Itabuna**. 16 de janeiro de 1959, ano II, p. 2.

caderno. As boas maneiras deveriam ser acompanhadas de cuidados com o visual e isso requeria a exposição de um corpo limpo, saudável e acima de tudo, belo. O corpo da mulher deveria se ajustar ao modelo estético dominante que, em Itabuna dos anos 1950, era inspirado nas “formas” do corpo feminino predominantes nos grandes centros.

Esse modelo de corpo belo surgia para as mulheres de elite de Itabuna através das imagens do cinema, das fotonovelas e das páginas de “O Diário Feminino”, que quase sempre trazia recortes com fotografias de jovens atrizes, cantoras e modelos. Um conjunto coerente de dispositivos imagético-discursivos dedicados a definir a mulher ideal e reforçar o paradigma sexual e cultural de gênero, em que o espaço da moda e da preocupação regular e sistemática com a aparência fosse eminentemente feminino.

A seção “*Seja atraente*” aconselhava as jovens sobre cuidados necessários à boa aparência física e à beleza. Nela, a beleza espiritual cedia lugar à corporal. O discurso tentava normatizar o comportamento estético da mulher. Os conselhos procuravam responder as demandas de um público de jovens mulheres em idade de se relacionar amorosamente. O potencial de sedução física poderia ser aguçado nas moças que cumprissem as “dicas” ensinadas nessa seção, entre elas: “*Para ir à praia (...) use “make-up” à prova d’água*”, “*(...) exercícios corretivos exigem uma rotina que fortalecem os músculos e firma a pele*”¹¹.

Em 1959, essa seção dá lugar a outra intitulada “*Ser mulher é ser bela*” com conteúdo semelhante, enfatizando que o espaço da mulher rica é o da beleza. A palavra de ordem é “Ser bela”, o que significava manter-se jovem, evitar de todas as maneiras o envelhecimento. Essa foi uma época marcada pela valorização exacerbada da juventude, “*condição sine qua non de beleza e de poder de atração para as mulheres*” (SCHPUN, 1999: 100).

Na década de 1950 cresceu o número de casas comerciais em Itabuna especializadas em produtos para o público feminino. Lojas de roupas e artigos para mulheres tomaram as ruas da principal rua comercial da cidade, a Cinquentenário. As famosas costureiras eram cada vez mais procuradas não só para produzir os vestidos da moda, como para oferecerem cursos. Os jornais *A Época* e *Diário de Itabuna* divulgavam as escolas de corte e costura da cidade. Esses cursos costumavam ser

¹¹APMI – Arquivo Público do Município de Itabuna. **Jornal Diário de Itabuna**. 24 de maio de 1958. Ano I, n.173, p.5.

procurados pelas jovens de classe média baixa. Aprender a arte da costura representava para elas uma forma de obtenção de renda numa profissão acentuadamente feminina naquele período. Os cursos profissionalizantes, como as Escolas Normais para mulheres ainda eram inacessíveis para muitas moças da camada mais pobre da população. Além disso, existia uma demanda na costura, já que houve um crescimento da procura dessas profissionais pelas mulheres ricas que queria encomendar os novos ‘modelitos’ dos recortes encontrados em “O Diário Feminino”. Helena Mendes em *Figuras e Fatos de Itabuna*, destaca algumas das principais lojas de roupas e artigos femininos da época, a Bonina, a Almeida Sampaio, Os Gonçalves, a Doll Modas, a Mascote, a Casa Luna, a J. Rihan e outras (MENDES, 1967: 55-63).

Estar por dentro dos novos lançamentos da moda de vestuário feminino ou aparecer vestida com um dos modelos em voga podia representar para as mulheres de classe alta um capital simbólico necessário à construção e promoção de sua identidade social. Ou seja, podia lhe garantir o respeito das outras mulheres de sua classe, assim como revelar o seu status, garantindo-lhe o registro de mulher ideal dentro dos critérios estéticos. Além disso, estar na moda e exibir “boas maneiras” significavam um valioso ponto de referência para a delimitação de distinção de classe para os membros da elite (PEDRO, 1994: 24). Os códigos de identificação de classe passavam também pelas formas como as mulheres de elite exibiam sua riqueza, apresentavam seu status, tratavam seus bens e sua família.

Segundo Juliet Mitchell, “*toda discriminação descansa sobre uma sólida base extra econômica, a educação*” (MITCHELL, 2006: 203-232). A distinção de classe envolvia não só a ostentação da riqueza, mas a conduta das mulheres frente a diferentes situações intra e inter-classe. A postura física e moral destacada em “O Diário Feminino” foram evidenciadas no cotidiano sócio-cultural das mulheres de elite de Itabuna. O jornal expunha fotos de cerimônias de casamentos, festas em clubes, desfiles e descrevia a forma como homens e mulheres da elite se vestiam e portavam diante de seus pares.

Em Itabuna a ingerência de novos hábitos considerados modernos foi antes experimentada pela camada dominante e a partir dela foi suplantada para o restante da sociedade (RAGO, 1985: 62). Isso não quer dizer, contudo, que todas as pessoas aceitaram e se adaptaram às normas de convivência e aos hábitos instituídos como

civilizados. Esse processo foi tensionado, marcado por acomodações de hábitos, mas também por disputas de espaços na cidade (OLIVEIRA, 2007).

Concursos de beleza como símbolo de progresso e a Miss Brasil de Itabuna

Itabuna é uma cidade que gosta de festa, de música e, principalmente, de concursos de beleza. Talvez não exista em outra cidade do Brasil tantas misses quanto em Itabuna. (...) Temos dois teatros e não custa dizer que a sociedade de Itabuna é uma das mais elegantes do Brasil. As damas grapiúnas adotam a moda do Rio, o que significa, em outras palavras, a moda de Paris, Roma e Berlim (MENDES, 1967: 129).

Helena Mendes descreve bem um circuito de imagens construído pela elite de Itabuna sobre a ideia de progresso, que, como entre outras coisas, poderia se manifestar no comportamento estético feminino. A busca pelo padrão ideal de beleza feminina foi seguido de perto pela alta sociedade itabunense e acabou criando um quadro de ilustrações perfeitas para moças e senhoras desse segmento social.

Moda e progresso eram as chaves do sucesso para a cidade e para aqueles que a dominavam política e economicamente. Essas expressões chegavam mesmo a se confundir nos discursos e nas práticas dos membros da elite local. O circuito de imagens era cotidianamente reforçado pelas tecnologias de gênero. Entre as mais importantes delas, a imprensa com seu *caderno feminino* e suas colunas sociais.

Mas, esse circuito ia além da proliferação de textos normativos e da disseminação de imagens de perfis estéticos ideais. Chegou mesmo a alcançar a vivência social do grupo dominante, produzindo um verdadeiro cenário de “especialistas em beleza”, principalmente, em “belezas femininas”. A beleza que não poderia ser só física, mas, espiritual e moral. O código estético instituído sintonizava-se com o ideal de progresso experimentado pelas pessoas da elite e aplicados na modelação da cidade. Não bastava, porém, isso, era preciso modelar também corpos e mentes. A começar pelas mulheres ricas.

Exibir uma cidade limpa, planejada, urbanizada. Critérios necessários para integrar Itabuna no rol das cidades progressistas. Exibir moças e senhoras elegantes,

finas e acima de tudo, belas. Para incentivar e hegemonizar a cultura da beleza na classe dominante foram criados concursos de beleza. Os concursos de beleza em Itabuna surgiram desde os anos 1920, incentivados financeira e culturalmente por empresas comerciais e pequenas indústrias que se instalaram na cidade no período. O propósito fundamental dos concursos na década de 1920 era mais divulgar a empresa e seus produtos do que dedicar-se a exibição e análise do corpo feminino.

Entre 1927 a 1930 foram realizados os concursos de beleza pela empresa Casa Emmanuel Block&Frère, cessionária do relógio *Cyma*. A chamada para a participação no concurso feita através dos jornais se dirigia às jovens ricas e coroaria “a senhorinha mais linda”, eleita “Rainha de Itabuna”. Já nesse período, a escolha só poderia ser feita apenas por homens. Os organizadores do concurso alegavam que os homens se focariam apenas na avaliação da beleza e da graça das mulheres¹². O voto era livre, ou seja, não existiam candidatas previamente escolhidas. Cada eleitor escolhia a senhorinha de sua preferência e preenchia um cupom com o nome da predileta. O discurso androcêntrico reafirmou e reforçou o pressuposto de que as mulheres não conseguem ser criteriosas em suas avaliações, já que se deixavam levar pelas questões emocionais, ou seja, não eram objetivas. Só homens poderiam falar da beleza feminina sem serem parciais.

Os concursos de beleza seguiram sendo organizados nos anos 1930 e 1940 por empresas, associações político-sociais e benemerentes da cidade. As datas festivas ou eventos cívicos e religiosos eram aproveitados como palco para produção de novos concursos. Além da finalidade comercial, alguns desses concursos passaram a ter um sentido filantrópico, servindo como movimento em prol da caridade.

Nesse período, as passarelas, os desfiles, os vestidos e penteados ainda não haviam se estabelecido. Somente no fim dos anos 1940 e durante toda década de 1950, esses elementos passaram a compor o cenário da moda e da beleza em Itabuna, coincidindo com as mudanças urbanísticas promovidas pelo poder público e pela elite. Os concursos ganharam um novo sentido, qual seja, o da exibição dos corpos femininos. Falar do corpo da mulher a partir de critérios normativos e padronizados ganhava importância no meio social frequentado pela elite. Estabelecer os critérios definidores

¹² CEDOC – Centro de Documentação e Memória Regional. **Jornal A Época**. 22 de dezembro de 1928. Ano XII, n. 444, p. 3.

de uma bela mulher, quase que cientificamente construídos, já que seguiam formas corporais precisas e, por isso, ideais.

As modelos e atrizes, suas dietas, produtos de beleza, seus vestidos, sua vida, passaram a ser o exemplo a ser seguido. As revistas femininas, de onde saíam os recortes para “O Diário Feminino”, são as principais disseminadoras das imagens de mulher ideal e serviram como instrumento de formatação de mulheres, em especial, as de condição financeira elevada dos anos 1950.

As mulheres foram ‘vistas’. E dessa vez, mais do que em outros momentos. Desfiles e jovens modelos femininos se proliferaram em Itabuna nesse período. Os clubes de lazer, as associações sociais e benemerentes, o poder público, as empresas locais, circuitos diferenciados, porém, harmonizados com a ideia de progresso e com as novas exigências de uma vida urbana e “moderna” cada vez mais em ascensão, incluindo o interesse pelos concursos de beleza.

A cultura da beleza e a necessidade iminente de formar uma cidade progressista e elegante difundiram um papel pedagógico dos concursos de beleza. Eles começaram a serem realizados nas escolas primárias, onde estudavam crianças da elite. Helena Mendes destaca rainhas e princesas mirins, da primavera, da cidade, das festas junina e natalina das escolas locais; como os desfiles para escolha da “*Rainha da Primavera*” do Colégio do Sagrado Coração de Jesus em 1961 (MENDES, 1967: 132-133). Educar as meninas, filhas da elite local, a cuidar-se afetiva e esteticamente era um dos preceitos fundamentais em tempos de mudanças comportamentais na cidade.

Os concursos continuaram espelhando modelos, incentivando gostos e padrões. As praças e jardins pareciam passarelas informais por onde “desfilavam” as moças de elite com seus vestidos e penteados da moda. Os clubes sociais e de lazer se transformaram em palcos, onde, aos fins de semana, os “brotos” se destacavam pela postura, pelo sorriso e, principalmente, pela “graça”, considerada característica física predominante entre as mais belas (SCHPUN, 1999: 45).

Quase todas as instituições dirigidas pela elite organizavam e participavam direta e indiretamente da produção dos concursos de beleza. E não eram só as eleitas que se beneficiavam do resultado dos concursos. As associações benemerentes como a das Senhoras de Caridade de Itabuna se utilizaram desse circuito da beleza para arrecadar fundos para a Casa dos Mendigos. Financiados por políticos e importantes

comerciantes da cidade, os concursos ganhavam relevância no cenário urbano e já haviam se tornado espaços de lazer e sociabilidade obrigatórios nas diferentes festividades da cidade. Instituições como o Abrigo São Francisco, o Orfanato Cordolina Loup dos Reis, a Liga de Proteção aos Tuberculosos e Pobres de Itabuna também entravam na lista das beneficiadas desses eventos¹³.

Cada candidata poderia representar uma instituição de caridade, porém antes, representavam os financiadores do evento. Políticos, fazendeiros e comerciantes, como José Dantas Andrade e Nicodemos Barreto foram alguns dos que mais financiaram os desfiles. Associar a imagem do político e do homem de poder a uma das jovens modelos era uma das formas prediletas de angariar simpatia e adesão ao projeto político que defendiam. Isso não aconteceria apenas com as ilustres desconhecidas modelos de concursos locais, a Miss Brasil de 1962 teria realizado algo semelhante.

A ligação de políticos e empresários com o universo da moda feminina e com os concursos de beleza ocorriam em Itabuna desde os anos 1920. Essa relação foi intensificada e aprimorada à medida que os desfiles passaram a ter destaque na sociedade, disseminando padrões estéticos entre as mulheres de elite. Os desfiles dos concursos eram apoteóticos e, por isso, representavam um bom momento para os ‘negócios’, já que reuniam parte considerável do segmento social favorecido economicamente. Não foi diferente quando a jovem itabunense Maria Olívia Rebouças Cavalcanti foi eleita miss Brasil em 1962.

A eleição e a consagração de Maria Olívia Rebouças representaram uma excelente oportunidade de projeção da cidade e de sua elite no cenário nacional. Sonho há muito esperado pelos “ricos grapiúnas” (ANDRADE, 1986: 113-114). Percebendo o potencial de popularidade adquirido pela miss em seu estado de origem, a Bahia, políticos e comerciantes não perderam a chance de entrar em cena marcando um bom espaço para se projetar.

Maria Olívia Rebouças Cavalcanti tinha 18 anos de idade quando foi eleita miss Brasil e, segundo a revista O Cruzeiro, tinha “*as medidas mais perfeitas de toda a história do concurso*”¹⁴. Filha de Aloísio Cavalcanti e D. Dulce Rebouças, membros da

¹³ APMI – Arquivo Público do Município de Itabuna. **Jornal Diário de Itabuna**. 10 de janeiro de 1959. Ano II, n.356, p. 1.

¹⁴ Arquivo Pessoal - **Revista Manchete**. 14 de julho de 1962, p. 4.

classe média alta da cidade de Itabuna, Maria Olívia já havia sido eleita miss Bahia e foi considerada uma forte concorrente a ‘miss Universo’ na disputa que ocorreu em 1962 em Miami. Sua trajetória de juventude se confunde com a de outras moças da cidade que integravam o grupo que participava dos eventos e festas mais importantes e consagrados da cidade. Entre lazer e caridade as moças ricas se divertiam e buscavam se sintonizar com as novidades da moda (ANDRADE, 1986:107).

Além da exaltada recepção em Salvador, Maria Olívia Rebouças teve uma passagem impressionante por Itabuna durante as comemorações da eleição vitoriosa à miss Brasil. Poder público e entidades comerciais e políticas de relevo na cidade organizaram um grandioso evento para receber a filha ilustre da “cidade progresso”. O prefeito José de Almeida Alcântara foi um dos principais financiadores da recepção, dispondo de recursos, secretarias, funcionários e até sua própria casa para organizarem a grandiosa festa¹⁵.

A Associação Comercial de Itabuna também entrou na disputa com o poder público através de seu presidente e adversário político do prefeito, o senhor José Oduque Teixeira. Longe de ser apenas uma celebração cultural, as festividades de Itabuna em homenagem à Maria Olívia Rebouças foram marcadas por disputas políticas e culturais. A cidade de Ilhéus teria concorrido para recepcionar a miss antes de Itabuna. Esse movimento gerou insatisfação por parte da elite itabunense, que fez questão de afirmar,

Itabunismo. Ainda não havia o aparelho que a trouxe para Itabuna desligado os motores e o povo avançava sem medo de acidente para as primeiras homenagens. Cremos ter sido esta a maior manifestação popular que Maria Olívia já recebeu depois que se sagrou miss Brasil. E não podia deixar de ser assim, porque os itabunenses prezam o que é seu, amam o que é de Itabuna. Um povo como o nosso merece essa glória, porque sabe recebê-la, sabe comemorá-la em festas, como foi o dia de segunda feira e a noite também. Itabuna é assim, por isso a queremos tanto¹⁶.

A cidade e a miss foram colocadas como sinônimos de beleza, avanço, simpatia e graça. Maria Olívia e Itabuna foram apresentadas em comunhão com o seu povo, com a sua gente. Confundidas com a “civilização grapiúna”. Mais uma vez,

¹⁵ APMI – Arquivo Público do Município de Itabuna. **Jornal Diário de Itabuna**. 23 de junho de 1962. Ano V, n.1931, p. 1.

¹⁶ Idem, **Ibid**, 27 de junho de 1959, p. 1.

embora com maior ênfase nesse momento, os dispositivos argumentativos foram acionados e disparados na imprensa. Todos tinham como pano de fundo o padrão político discursivo que manuseava a cidade e as mulheres de elite em favor da consolidação de uma imagem de progresso e beleza para ambas que haviam sido transformadas em instâncias de conformação de um projeto de identidade social ancorado no doce sonho de “civilidade” da elite itabunense.

Referências:

- ANDRADE, José Dantas. **Documentário Histórico Ilustrado de Itabuna**. Itabuna: Proplan, 1986.
- AMADO, Jorge. **Terras do Sem Fim**. São Paulo: Círculo do Livro, 1942.
- BASSANEZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: **História das Mulheres no Brasil**. (org.) Mary Del Priore. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres; relações homem-mulher e revistas femininas (1945-1964)**. São Paulo: Dissertação de mestrado FFLCH/USP, 1992
- CARVALHO, Philipe Murillo Santana de. **Uma cidade em disputa: conflitos e tensões urbanas em Itabuna (1930 – 1948)**. Dissertação de Mestrado. PPGHIS/UNEB – CAMPUS V. 2009.
- D’INCAO, Maria Ângela. Mulher e Família Burguesa. In: **História das Mulheres no Brasil**. (org.) Mary Del Priore. 8 ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- ELIAS, Nobert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FÉLIX, Loiva Otero. A Fabricação do Carisma: a construção mítico-heróica na memória republicana gaúcha. In: **Mitos e heróis: construção de imaginários**. Porto Alegre: UFRGS/Editora da Universidade, 1998.
- HEINZ, Flávio. **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- MAHONY, Mary Ann. Um passado para justificar o presente: memória coletiva, representação heróica e dominação política na região cacauera da Bahia. In: **Caderno de Ciências Humanas – Especiaria**. v. 10, n. 18, julho.-dez. 2007.

- MALUF, Marina. e MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do mundo feminino. In: **República: da Belle Epoque à Era do Rádio**. (Org. Nicolau Sevcenko) São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- MENDES, Helena. **Figuras e Fatos de Itabuna**. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos S.A., 1967.
- MITCHELL, Juliet. Mulheres: a revolução mais longa. Trad. Rodolfo Konder. **Revista Gênero**. Niterói, v. 6, n. 2 - v. 7, n. 1, p. 203-232, 1. - 2. sem. 2006.
- OLIVEIRA, Carolina dos Anjos N. **As vizinhas indesejadas: representações e vivências do meretrício em Itabuna, 1950 – 1960**. Monografia de Graduação, UESC/Ilhéus, 2007.
- PEDRO, Joana Maria. **Mulheres honestas, mulheres faladas: uma questão de classe**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994.
- PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.
- RAGO, Luzia Margareth. **Do Cabaré ao Lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- SCHPUN, Mônica Raísa. **Beleza em jogo: cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20**. São Paulo: Boitempo, 1999.
- SOUZA, Erahsto Felício. **Subalternos nos caminhos da modernidade: marginais, politização do cotidiano e ameaças à dominação numa sociedade subordinadora do sul da Bahia (Itabuna – Década de 1950)**. Dissertação de Mestrado. PPG em História Social. Salvador: UFBA, 2010.
- URSINI, Leslye Bombonato. e BASSANEZI, Carla. O Cruzeiro e as garotas. In: **Cadernos Pagu** (4) São Paulo: Unicamp, 1995.